Gravei e regravei as aulas buscando essas articulações e confesso que mesmo para mim foi uma revelação a quantidade de questões comuns e a força do debate em torno das ideias de Antonio Candido.

Como sei do conhecimento de vocês da obra do Candido, enfatizei as outras aulas, mas gostaria de deixar pontuado aqui a importância do gesto candidiano visto à luz de suas reverberações posteriores. Como disse Silviano Santiago em uma entrevista, a cultura letrada europeia foi um vírus que nos atacou parasitando nossas possibilidades de transformação e nos obrigando a pura e simplesmente reproduzi-la, vírus do qual a obra de Antonio Candido foi uma primeira vacina. Ela nos alertava para a necessidade de atentar para a especificidade das dinâmicas interiores ao nosso próprio projeto literário.

Essa vacina tinha ainda como reforço a compreensão de uma historicidade própria à nossa literatura ainda que vista como um galho da literatura portuguesa por sua vez prima pobre da grande cultura europeia como o próprio Santiago desenvolveria no livro *As raízes e o labirinto*. O ponto crucial aqui é entender a complexidade de questões implicadas na própria afirmação de uma literatura brasileira vez que ela implica em um paradoxo de difícil solução. Daí a importância de se entender a historicidade própria da obra de Antonio Candido atentando para a importância da *Formação* quando escrita e publicada no final dos anos 1950, como também à transformação dessa noção de formação ao longo de sua obra.

Tanto assim que no texto central para o nosso curso, o famoso “Dialética da malandragem” articula-se esse problema em um outro quadro de questões, onde esse processo de internalização da formação deixa de ter um vetor tão linear, evolutivo e passa a atentar mais fortemente para a dialética captando no cerne do século XIX, em Manuel Antônio de Almeida, um problema do longa duração, qual seja, a relação entre ordem e desordem. Como se lê ali, não se trata mais apenas de caminhar em direção a uma ordem superior, nem de condenar nossa desordem, mas sim de entender como no plano da realidade e no plano ficcional, entre essas duas séries, entre essas duas direções narrativas, se capta um dinâmica crucial dos nossos processos históricos como sociedade e dos nossos processos compositivos no campo ficcional por esses dois polos de articulação que se encontram em ambos os processos, repita-se, a ordem e a desordem.

Se é possível ver aqui que a noção de desordem é constituída a partir do ponto de vista da ordem, também é patente como essa leitura permite colocar em outro modo de articulação a relação entre espontaneidade e construção que vimos em Sergio Buarque de Holanda. Retomando Sergio, Candido refina o que seria um traço psicossocial para mostrar como a internalização na forma implica em aspectos sociais que são mais complexos do que a formulação de um tipo social que pudesse ser formulado em abstrato. A análise do vetor ficcional tensiona o social e cria uma estrutura própria que o método de “redução estrutural” evidencia, apontando para uma “contaminação recíproca da série arquetípica e da série social”. Essa tensão, no entanto, não é um traço psicológico, mas algo que advém da análise crítica do texto literário.

Isso permite habitar um limiar, posto aqui como dialético, um sentimento da dialética diria Paulo Eduardo Arantes, no qual se assume um contínuo de relações que vão da ordem à desordem, da legalidade à ilegalidade, para averiguar pela análise o modo específico de como se dá – às vezes mesmo em diferentes momentos de Memórias de um sargento de milícias -a “**contaminação”** entre elas (a expressão é do próprio Candido), isto é, de que modo elas se imbricam reciprocamente, tendo como pano de fundo uma outra imbricação entre a construção ficcional e a experiência social.

Essa capacidade de olhar “para os dois lados” tanto ponto de vista ficcional como social se desdobra no ponto de vista crítico como gesto de articulação entre esses diferentes pontos de vista. Como vemos nessa análise da relação entre o discurso e a cidade (nome do livro onde o ensaio foi inserido) desdobrada na análise de *O Cortiço* de Aluízio Azevedo, há uma forte relação dessa desordem com a natureza e a animalidade sobre a qual se impõe de maneira sempre ambígua a necessidade de ordem. Nosso jeitinho, nosso i-lícito (nosso basculamento constante entre o legal e o ilegal) teria a ver com uma animalidade natural não domesticada pela ordem da cultura. A configuração dessa dialética do espontâneo e do dirigido faz com que se perceba como as formas espontâneas da sociabilidade foram se imiscuindo na ordenação legal do campo social.

Desse modo, entre ordem e desordem, construção e espontaneidade, cultura e natureza, o social e o ficcional, se formula claramente a questão do limiar por meio da singularidade com que cada obra articula esses traços, articulando também a relação entre eles em um movimento dialético que só se performa na leitura atenta e na análise efetiva dos discursos ficcionais.